

Estudos Urbanos

Mestrado de Gestão Cultural

[EXERCÍCIO 4.]

novos cânones urbanos:

uma resenha de perspectivas recentes

excertos para discussão

Teresa Fradique | 2023-2024

esad.cr

Velhas cidades, novíssimas metrópoles: um outro cânone urbano [2020]

Carlos Fortuna

Ao longo do século xx as cidades registaram profundas transformações um pouco por todo o mundo. Tanto em cidades ocidentais como não ocidentais nas do Sul global do “novo” e do “velho” mundo essas transformações deram origem a diversas interpretações da natureza teórica. São numerosos os textos recentes que associam a generalidade das transformações ocorridas nas cidades a **releituras do fenómeno urbano contemporâneo** e que, do mesmo passo, chamam a atenção para o **surgimento de reconfigurações sociopolíticas que reclamam novas linguagens, novos conceitos e modos de abordagem da condição urbana global** (...).

No seu conjunto, os novos conceitos e as novas hipóteses interpretativas do urbano, surgidos no mundo académico, representam um **assinalável desafio para o conhecimento estabelecido e acumulado ao longo de um século de reflexão social**. Pode-se dizer que, a um tempo, tanto propõem **novos quadros analíticos** como implicam o **reequacionamento crítico dos antigos**.

Tendo em mente as possibilidades de enriquecimento e objetivação do significado sociopolítico da cidade contemporânea, este capítulo aborda a questão da **urgência de uma leitura interdisciplinar da cidade**. É um tema clássico pode-se dizer, mas tornado cada vez mais premente em vista das interligações de **fatores e condições de vida/cultura urbana das últimas três ou quatro décadas**. Na verdade, a cidade é uma realidade multifacetada que dificilmente pode permanecer contida dentro dos limites epistemológicos de qualquer uma das disciplinas convencionais das ciências sociais e/ ou humanas. Uma leitura capaz de **transgredir as barreiras das disciplinas** é essencial para **abrir a cidade a visões plurais e captar a complexidade** da sua contínua reconstituição e ao **permanence fluxo da sua mudança**.

Ao realçar esta dimensão interdisciplinar da análise das cidades de hoje, não se desprezam duas outras dimensões cruciais do seu entendimento. A primeira delas refere-se ao facto de **a cidade contemporânea não poder continuar a ser vista pelo prisma das interpretações hegemónicas limitativas do fenómeno urbano, desenhadas ao sabor do surgimento as cidades e metrópoles da modernidade industrial euro-americana do último quartel do século XIX**.

Quer isto dizer que, ao lado da questão da explicação interdisciplinar, um outro desafio decorre da necessidade de avaliação das figurações teóricas e interpretativas contidas na **noção da “metrópole”** e outras **categorizações** usadas para **definir as intrigantes modalidades de integração das dimensões**

económicas políticas geográficas e culturais da cidade e do fenómeno urbano.

Apesar de a maior parte da população urbana da Europa e de fora da Europa viver em cidades de escala média e pequena, **as concetualizações dominantes negligenciam de forma ostensiva os modos de organização e funcionamento dessas cidades médias e pequenas**. Este **mundo não-metropolitano** continua a ser objeto de escasso e marginalizado equacionamento político e teórico (...).

A segunda questão colateral a temática central da interdisciplinaridade desenvolvida aqui diz respeito a **emergência de uma alternativa teórica do fenómeno urbano originado em contextos subalternizados**. Estou a referir-me à pertinência epistemológica da **narrativa plural sobre a cidade originada a partir de investigações urbanas produzidas em ambientes e universos geoculturais periféricos** que, de acordo com uma certa visão internacional do trabalho científico, estariam, supostamente, capacitados apenas para produzir informação de base, em vez de **gerar conhecimento teórico ou metodológico autónomo** e conduzindo mesmo a um histórico aprisionamento da capacidade pensante e do trabalho académico. (...)

A despeite das **leituras não-eurocêntricas da realidade urbana**, persiste o facto de, em conformidade com uma preconceituosa visão da produção de conhecimento, grosso modo, os contributos oriundos das ciências sociais do Sul global **permanecerem negligenciados ou ausentes** de grande número das agendas de investigação dedicadas ao recente mundo de cidades (Fortuna 2012a). Por exemplo, **pensar no quadro interpretativo das cidades latino-americanas pode ilustrar com precisão o argumento central deste capítulo, que se desenrola em torno da reforma epistémica do cânone urbano estabelecido a partir dos ensaios primordiais de Georg Simmel, na viragem do século XIX para o século XX** (...).

Este foi um território teórico privilegiado e dominado pela gramática do convencionalismo urbano ocidental, particularmente norte-americano e norte-europeu. Ao contrário, **as negligenciadas outras cidades** (Robinson 2006; Mendieta 2007), como a generalidade das cidades latino-americanas, contêm em si **um potencial heurístico inestimável e ainda largamente inexplorado** para a **descanonização da Sociologia Urbana** (...).

Velhas e novas metrópoles: limites da perspetiva disciplinar

As análises académicas e jornalísticas do mundo urbano de hoje deixam-se pautar pelas tendências mais recentes que transparecem nos relatórios das agências internacionais que registam o facto inédito de **ter sido ultrapassado o**

limiar dos 50% da população mundial residente em áreas urbanas (United Nations 2013, 2019). Tal facto faz-se acompanhar da **profunda alteração da paisagem urbana global na qual as principais cidades ocidentais perdem os lugares cimeiros no que respeita a dimensão dos aglomerados urbanos que passam a ser ocupados por metrópoles do Sul global.** (...) Londres, Paris, Moscovo, Chicago e outras cidades ocidentais, com posição destacada entre as cidades mais populosas do globo de meados do século passado, cedem nas projeções para o ano de 2030, em definitivo, essa posição a **outras cidades em acelerado crescimento no período do pós-guerra e da descolonização.** (...)

De acordo com estimativas da ONU, a concentração sem precedentes da população em cidades de todas as latitudes e tipos tem como um dos seus efeitos mais previsíveis a aceleração do seu ritmo de crescimento, o que, por seu turno, **amplia o grau de indeterminação social e política do futuro próximo que atinge todo o globo. É com base neste aceleracionismo urbano que afeta decisivamente o ambiente urbano que podemos, com propriedade, designar como o mundo de cidades contemporâneo, para significar não apenas a atual concentração urbana da maior parte da população humana.** Em resultado dessa concentração populacional, a noção de *mundo de cidades* recobre também o **acentuado grau de incerteza que recai sobre o futuro as cidades**, sejam elas megacidades ou aglomerados de pequena e média dimensão. Consequentemente, **não é possível estipular a forma política, de governança ou arquitetónica dominante**, se alguma é possível imaginar, que este *mundo de cidades* assumirá.

Uma tal situação acarreta outra interrogação, de natureza epistemológica, a remeter para a necessidade de dotar os muitos **instrumentos analíticos** que abordam esta nova realidade urbana mundial de um **profundo refrescamento**, capaz de oferecer maior consistência e realismo interpretativo e projetivo. Por outras palavras, **a viragem que a demografia regista**, mais do que meramente quantitativa, **é política** e força-nos à consciência dos **limites do conhecimento** disponível sobre a cidade. (...)

E neste **contexto teórico transitório** que se está a operar uma transformação epistémica assinalável nos estudos urbanos. Trata-se do efeito direto do surgimento do conceito de Sul global que, além dos sentidos geográficos e demográficos assinalados, **remete ainda para a dimensão política e para o passado colonial e pós-colonial** da maior parte das cidades que designarei adiante por **novíssimas metrópoles.** (...)

[Existe um] **desconcertante descompasso entre a teoria dominante e os modos de viver correntes nas novíssimas metrópoles.** (...)

[É, portanto] deveras **inadequado continuar a olhar o mundo de cidades através das lentes das metrópoles ocidentais.** (...)

O que elas [*novíssimas metrópoles*] contêm de novo para a consolidação de **epistemologias alternativas** é a denúncia da **“política de desnacionalização** que caracteriza os atores globais, os capitais e a mobilidade de pessoas e induzem uma dimensão de conflitualidade que percorre o sistema urbano transnacional” (Mendieta 2007, 46) . Ou seja, **estas cidades existem e devem ser vistas num plano universal e não nacional.** Revelam as mais variadas **expressões concretas de espaços e de quotidianos disputados, de convivências estranhas ou inesperadas, de relatos interiorizados de relações íntimas que alimentam uma visão crítica dos efeitos naturalizados do capitalismo, da urbanização do globo e das suas perversas falácias.**

Com efeito, **as outras cidades foram ocultadas do nosso modo de ver o urbano** em resultado de uma preconceituosa leitura do mundo que torna ilegítimo tudo o que a ignorância assimétrica esconde e não deixa ver. (...)

Novíssimas metrópoles: outras questões urbanas

Para muitos **milhões de excluídos das novíssimas metrópoles de terceira geração**, é enorme o desprendimento socioemocional perante os espaços em que circulam e residem. Também não encontra paralelo com outras situações o grau da sua desvinculação e desenraizamento social, nem as condições económicas aviltantes que suportam (Seabrook 2007). **A condição social e política dos cidadãos rejeitados das metrópoles pobres do Sul global faz deles cidadãos destituídos de quaisquer direitos. Trata-se de milhões de homens e mulheres «sem qualidade» que cultivam uma atitude blasé e desprendida, profundamente contrastante com o desprendimento que a sociologia europeia sugeria como estratégia de sobrevivência pessoal e equilíbrio mental perante a tumultuosa urbanidade da época industrial** (Simmel 1997). AbdouMaliq Simone trata esta urbanidade sob a fórmula de **missing people** (população ausente) que engloba as pessoas pobres, os membros da «alta pobreza», da classe operária e da classe média baixa, que mesmo que possam representar a larga maioria da população das metrópoles de terceira geração, são remetidas para **a condição da mais clamorosa «ausência» sempre que se trata de pensar o desenho político e normativo do futuro dessas regiões urbanas** (Simone 2014, 322). (...)

E legítimo **interrogar** acerca da atualidade e da **adequação do pensamento urbano ocidental que nivela e trata como semelhantes condições de vida nas metrópoles que contrastam profundamente na sua natureza nos seus trajetos.** Perante a negligência cognitiva desta sociologia urbana ocidental, o que se pode avançar com recurso ao legado intelectual daquela sociologia

europeísta é reconhecer que **está hoje em gestação uma nova figuração social protagonizada pelos homens e pelas mulheres destituídos e pobres das grandes metrópoles do Sul global hoje.** (...)

O atual reinterpretação da cidade e das suas renovadas geografia e culturas, já dissemos, faz ressurgir um discurso de diversidade que, dada a sua polissemia, não pode ser confinado dentro dos limites sempre estreitos de qualquer disciplina. (...) todas as disciplinas têm limites demasiado estreitos para poderem albergar **uma realidade social politicamente tão contrastante e multifacetada e um discurso tão plural como são os que constituem o atual mundo das cidades.**

Excertos retirados de FORTUNA, Carlos, 2020, "Velhas cidades, novíssimas metrópoles: um outro cânone urbano", *Cidades e Urbanidades*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp.23-38.

ETYANG, Johannes Hossfeld, e Joyce NYAIRO, e Florian SIEVERS, 2020, *Ten Cities: Clubbing in Nairobi, Cairo, Kyiv, Johannesburg, Berlin, Naples, Luanda, Lagos, Bristol, Lisbon 1960-March 2020*. Leipzig, Spector Books. [excertos da introdução]

When the sun sets behind the horizon, the same scene can be observed all over the world these days: people get ready to go out into the night, they visit clubs or bars, some with makeshift dance floors, and they throw their hands in the air, swaying to dance music; momentarily forgetting their activities and worries of the day. Nocturnal raving, partying, and clubbing has become a global phenomenon, it seems. It is everywhere.

But what is this everywhere? And is it the same everywhere? The histories of House music and Techno that currently dominate the narratives of nightlife in the global media, follow a mostly exclusive North Atlantic lineage along the centres Detroit-Chicago-Manchester-London-Berlin - and perhaps the Bass Culture branch in, and from, the Caribbean. This mainstream narrative suggests the existence of centralised hubs and more remote appendices. Viewed from this perspective, many Northern hemisphere cities between Novosibirsk and Vancouver, Reykjavík and Tel Aviv, are peripheral. Among those are European cities like Naples, Kyiv, or Lisbon. Equally important, this tale of the North-Atlantic mainstream ignores urban centres in other parts of the world - especially African cities.

The latter omission is particularly problematic. Africa has enjoyed a contemporaneity that consists of a multitude of the most diverse and active club cultures for more than

sixty years. While the traffic, balance of trade and cultural influence might continue to favour the West, soundtracks link Africa and the rest of the world in a continuous flow from the southern hemisphere to the North and vice versa. African cultures have constantly added ideas, genres, and sounds into the global clubbing mainstream. It could even be argued that many of the elemental components of contemporary clubbing were first practised in Africa. This book challenges the prevailing image of centres and periphery in both the North and the South by examining the circulation, flows, and transnationalism that attend to music. To do this, *Ten Cities* tells the story of club music and club culture in portraits of ten club cities in Africa and Europe. (...)

The sound spaces are the connecting element to the second essay on each city. This second set explores the meaning of the previously described music genres, scenes, and spaces. The meaning is always interpreted in relation to the political nature of that urban society. Club cultures are read as prisms and laboratories of society and the city. The sonic spheres of clubs are regarded as public spheres-albeit different to the public spheres as understood in the common concept of the political sphere. This second set is tagged 'Spaces/Politics'; and the essays draw from urban studies, and social and political theory. (...)

As mentioned before, it was important to us that the selection would counteract the mainstream North Atlantic narrative of club cultures. This reframing, the choice of African and European cities, seemed timely to us because the African stories, in particular, are underrepresented in the mainstream history of club cultures. It is important to recognise, in this regard, that almost all of Africa today is a post-colony. Recognising this fact acknowledges the legacies of colonialism that still linger on the continent. It also salutes the residual ethnic cultures, which have percolated over the years and across physical landscapes to invade cities and turn urbanism into a colourful blend of past and present.

The issue hereby is not whether or not Africans in cities see themselves as peripheral to the economic and cultural practices of the West. The issue is that they regard themselves in communion with these practices. On the one hand, able to match or mimic these practices, to challenge them, to appropriate and re-institute them in ways that give these Western practices new meanings within African lives. On the other hand, that communion happens when Africans feed their own practices back into the global circulations of club music and cultures.

Lastly, it was important to us to explore differences and commonalities in patterns of cultural practices at the moment in time when the Mediterranean had become a more, and more heavily policed border and death zone between Africa and Europe; when cross-border exchanges seem increasingly precarious even within Europe. Now more than ever, we would like to remind ourselves of these locally specific cultures of music that have simultaneously been part of one of the most intense trans-local and transnational contexts that culture had to offer over the last sixty years, if not longer.

(...)

Often, archives have not helped-not in Europe and certainly not in Africa. Archives are sites for the performance of power; the power to determine what is remembered and what is forgotten; archives become a law that determines what can and cannot be said.

Invariably then, archives have been limited to official state discourse, disinterested in the quotidian ways in which people express and define their identities and aspirations. This is particularly so in the context of post-colonial Africa –outside of South Africa and parts of Northern Africa–where reflecting on popular culture is a race against amnesia and erasure. This book then aims to be a monument to forgotten histories.

FEIREISS, Lukas, e Tatjana SCHNEIDE, Tatjana ,
2021, *Living the city : of cities, people and stories*.
Leipzig, Spector Books. [excertos da introdução]

Ultimately, it is not possible to talk about cities rationally. The realities hidden behind this term are too different. However, one thing can be said: the city, for all its diversity, embodies a unique phenomenon and is a profoundly human construct. From the very beginning, the multiplicity of urban living spaces has reflected people's cultural achievements and social problems. Cities are not constructed out of stone, concrete, and wood alone, they are also complex systems of signs offering information about living conditions and the zeitgeist. They are expressions of the ideas and beliefs, lifestyles and desires, fears and dreams of the people who have lived and live in them. Under the title *Living the City*, we dare to attempt to tell a multitude of (hi)stories. These speak of city-making itself and aim to present the city as a living space as well as the potential of integrated urban development to a broad public with a welcoming and lively approach.

In order to convey the city in all its diversity, complexity, and contradictions, the exhibition and this catalog deliberately refrain from a unified and simplified narrative. Thus, we tell stories from the European region, but consciously distance ourselves from the European city. The decoupling from this construct enables a shift in focus. In doing so, we move away from an emphasis on territorial categories and towards the greater challenges faced by city-making that transcend political borders. Cities seize these (hi)stories, collect them, and bundle them together. This juxtaposition and superimposition of diverse stories show that simultaneity and contradictions are inseparably linked, even if the experiences of different groups differ fundamentally. Whether old or young, newcomer or long-time resident–no one experiences the city in the same way. As though caught in a big net, all are connected, fates are intertwined. If someone pulls on one side, there are consequences for someone else in the system.

These narratives of city-making–the interactions, dependencies, and consequences–are told here through different projects from the fields of architecture, art, and city planning. It is precisely in this coexistence and interrelation of diverse approaches and disciplines that a narrative multiperspectivity of the city consciously develops. Yet, we are not solely interested in illustrating processes and opportunities for a city that is shaped actively–and in solidarity. Through discussions about the connections between built spaces and people, civil society and politics, economy and nature, questions are being posed to the

city and still dominant city-makers to contribute ideas and imaginaries about how the city could be reconceived and negotiated differently. (...)

The projects are to be understood as examples, but certainly not as best practice. What is more, the exhibition divulges how controversial and contested the making of cities and the production of space have become in recent years. This is why, above all else, we want to stimulate ruminations and debates about urban development. Anyone looking for ready answers, instruments, and toolboxes will not find them here. Instead, ambiguity exists next to diversity, the familiar next to the foreign. (...)

Who is building what and where? Who has and who does not have access to city infrastructures, services, and provisions? And, how and by whom is the future being designed? More than that, however, we hope that each and every one of us will be reminded of the crucial part we all play within a city's history and its possible stories, and–by doing so–begin to articulate new future-oriented storylines and plots, both independently and with others.

KERN, Leslie, 2020, *Feminist City: Claiming Sapce in a Man-made World*. Toronto, Verso Books. [excertos da introdução]

(...) women still experience the city through a set of barriers–physical, social, economic, and symbolic–that shape their daily lives in ways that are deeply (although not only) gendered. Many of these barriers are invisible to men, because their own set of experiences means they rarely encounter them. This means that the primary decision-makers in cities, who are still mostly men, are making choices about everything from urban economic policy to housing design, school placement to bus seating, policing to snow removal with no knowledge, let alone concern for, how these decisions affect women. The city has been set up to support and facilitate the traditional gender roles of men and with men's experiences as the "norm," with little regard for how the city throws up roadblocks for women and ignores their day-to-day experience of city life. This is what I mean by the "city of men". (...)

Feminist architects, urban planners, and geographers have made significant interventions in their fields through rigorous empirical research into gendered experiences. Activists have pushed hard for important changes to urban design, policing practices, and services to better meet women's needs. And yet, a woman will still cross the street at night if a stranger is walking behind her.

The foundational work of feminist urban scholars and writers before me is the backbone of the book. When I first "discovered" feminist geography in graduate school, something clicked for me. Suddenly the theoretical insights of feminist theory took on a third dimension. I understood the operation of power in a new way and fresh insights about my own experiences as a woman living in the suburbs and then the city started to pile up. I never looked back and I'm proud to call myself a feminist geographer today. Throughout this book, we'll meet the urban thinkers who have studied everything from

how women travel through the city to the gendered symbolism of urban architecture to the role of women in gentrification. But rather than start with theory or policy or urban design, I want to begin from what poet Adrienne Rich calls “the geography closest in,” the body and everyday life. (...)

As a woman, my everyday urban experiences are deeply gendered. My gender identity shapes how I move through the city, how I live my life day-to-day, and the choices available to me. My gender is more than my body, but my body is the site of my lived experience, where my identity, history, and the spaces I’ve lived in meet and interact and write themselves on my flesh. This is the space that I write from. It’s the space where my experiences lead me to ask, “Why doesn’t my stroller fit on the streetcar?” “Why do I have to walk an extra half mile home because the shortcut is too dangerous?” “Who will pick up my kid from camp if I get arrested at a G20 protest?” These aren’t just personal questions. They start to get to the heart of why and how cities keep women “in their place. (...)

The constant, low-grade threat of violence mixed with daily harassment shapes women’s urban lives in countless conscious and unconscious ways. Just as workplace harassment chases women out of positions of power and erases their contributions to science, politics, art, and culture, the spectre of urban violence limits women’s choices, power, and economic opportunities. Just as industry norms are structured to permit harassment, protect abusers, and punish victims, urban environments are structured to support patriarchal family forms, gender-segregated labour markets, and traditional gender roles. (...)

This book takes on women’s questions about the city, looking at the good and the bad, the fun and the frightening, in order to shake up what we think we know about the cities around us. To see the social relations of the city—across gender, race, sexuality, ability, and more—with fresh eyes. To spark discussion about other, less visible kinds of urban experiences. To open space for thinking creatively about what might generate a feminist city. To bring feminist geography into conversation with the everyday nitty gritty of trying to survive and thrive, struggle and succeed, in the city. (...)

Geography is about the human relationship to our environment, both human-built and natural. A geographic perspective on gender offers a way of understanding how sexism functions on the ground. Women’s second-class status is enforced not just through the metaphorical notion of “separate spheres,” but through an actual, material geography of exclusion. Male power and privilege are upheld by keeping women’s movements limited and their ability to access different spaces constrained. As feminist geographer Jane Darke says in one of my favourite quotes: “Any settlement is an inscription in space of the social relations in the society that built it.... Our cities are patriarchy written in stone, brick, glass and concrete.”

Patriarchy written in stone. This simple statement of the fact that built environments reflect the societies that construct them might seem obvious. In a world where everything from medication to crash test dummies, bullet-proof vests to kitchen counters, smartphones to office temperatures, are designed, tested, and set to standards determined by men’s bodies and needs, this shouldn’t come as a surprise. (...)

The gendered symbolism of the urban built environment is one reminder of who built the city. (...)

In fact, we all have the capacity to make new urban worlds—feminist urban worlds—even if those worlds only last a moment, or only exist in one little pocket of the city. Part of the challenge is recognizing where those alternatives are already in play and figuring out if they can be scaled up or adapted to different environments. In this book I’ll share a variety of those kinds of projects, both old and new. My hope is that you can learn to see those alternatives on the ground, to have your own conversations about gender, feminism, and city life and find your own ways to take action on doing cities differently.

ALVES, Ana Rita, 2021, *Quanto ninguém podia ficar: Racismo, habitação e território*. Lisboa, Tigre de Papel. [excertos da introdução]

Este livro traduz aquela que foi a primeira imersão escrita ao acervo das inquietações teóricas que me povoam, fruto de narrativas académicas, do discurso político e das experiências que reconstruíram as minhas conceções sobre o mundo, bem como as dúvidas que as mesmas me foram merecendo. Uma vez que o tempo (para investigar), o espaço (para transcrever) e a experiência (para operacionalizar conceitos) não o permitem, procurei, aqui, cingir-me ao possível, acreditando que, paradoxalmente, se deve sempre desejar o seu contrário. Talvez por isso mesmo, este livro comporte esboços de impossibilidade, refletindo o que considero ser o grande paradigma do conhecimento: a revisão do passado - a partir do desenho de uma linha de análise com incidências contemporâneas, antiessencialista e reflexiva - que reclame, em fragmentos, outro futuro, para lá daquele que a história parece teimar em oferecer. A síntese ficará, com certeza, para mais tarde, quando o conhecimento o permitir e a tinta o agarrar. Por ora, conto a história do processo que transformou radicalmente a forma como encaro e valorizo uma estrutura composta por um teto e quatro paredes e de como - num país de histórica e obtusa precariedade habitacional - se produziram espaços que a branquitude jamais reconheceu como legítimos e aos quais negou a sua humanidade, na pessoa daqueles que então os habitavam.

Foi em finais de junho de 2012 que me apercebi que o Programa Especial de Realojamento (PER) se encontrava ainda em curso, após ter sido noticiado que - no decorrer de uma ação de protesto - a polícia tinha carregado sobre um conjunto de manifestantes que se encontrava à porta da Câmara Municipal da Amadora (CMA). As fontes de informação afirmavam que um conjunto de moradores e ativistas tinha tentado irromper pelas instalações da autarquia numa tentativa de reclamar a suspensão das demolições que ocorriam, à altura, no Casal de Santa Filomena.¹ O

¹ CF. "Amadora: Mulher ferida em Manifestação junto à Camara - INEM", in *Jornal de Notícias*, 21 de Junho de 2012; "Câmara da Amadora invadida por moradores de bairro", in *Correio da Manhã*, 21 de Junho de 2012.

grupo pedia diálogo à Câmara na tentativa de solucionar a situação de um conjunto de 84 famílias (285 pessoas, das quais 105 era crianças) que não se encontrava abrangido pelo PER e que, por isso mesmo, diariamente, via ou esperava - receoso e sem dormir - ver ruir o seu único teto, sem que qualquer alternativa habitacional digna fosse apresentada; acima de tudo, e após tantos anos, havia que fazer cumprir o PER. Recordo-me que, na incerteza, alguns dias depois, saí de casa em direção à Amadora, uma vez que tinha sido convocada uma concentração no bairro com o intuito de evitar o avanço das máquinas sobre as casas, até que a Câmara garantisse que todas as pessoas teriam direito a ser realojadas. Era cedo. Chegada à estação do Rossio, percebi que o movimento que traçava - em conjunto com pequenos aglomerados de turistas - era contrário a da maioria das pessoas. Uma maioria que enche, desde a madrugada, o percurso ferroviário que liga Sintra a Lisboa, e que no seu trajeto e nos seus corpos, reconta longas e tortuosas histórias de (des)emprego, (i)mobilidade, (i)migração, racismo institucional e segregação.

Passados exatamente quinze minutos estava no centro da cidade da Amadora, a partir de onde caminhei até ao bairro de Santa Filomena - paredes meias com a Estrada Militar e o centro da cidade. As *bulldozers* estavam já estacionadas numa das entradas do bairro e havia grades a demarcar fronteiras que se pretendiam intransponíveis: *ninguém entra, ninguém sai* - decretava silenciosamente o aparato policial que cercava o bairro. Uma vez que nunca ali tinha estado, esperava-me, pacientemente, um amigo. Em solidariedade com quem ali vivia, a Plataforma Gueto e, mais tarde, a Associação Habita, o Movimento SOS Racismo e outros coletivos lutaram para que a história não se repetisse; para que um Programa desenhado para realojar moradoras e moradores de bairros autoproduzidos não legitimasse, paradoxalmente, o seu despejo - como tinha acontecido no Bairro do Fim do Mundo (Cascais) ou na Azinhaga dos Besouros (Amadora) e viria a repetir-se nos bairros Estrela d'África e 6 de Maio, também na Amadora.

Quando chegámos havia pessoas barricadas dentro de uma das casas, enquanto outras ocupavam, de pé, a sua entrada. A resistência, visivelmente frágil, cedo se desfez e as pessoas foram, uma a uma, retiradas do interior da habitação. Recordo-me que traziam nas mãos alguns objetos pessoais e na cara um transtorno inominável que se agravaria à medida que, após a remoção das portas e janelas, a casa começava a ser partida. As pessoas iam-se acumulando e o ambiente era tenso, dada a presença armada da polícia. O silêncio ensurdecedor das técnicas municipais, mesmo quando interpeladas, servia de mote ao desânimo: *para elas, com certeza, não eram humanos* - pensava. Durante muito tempo, a indiferença, pelo menos aparente, de polícias e, acima de tudo, de técnicas, muitas das quais conheciam os moradores, ocuparia as noites em que, chegada de mais um dia de demolições, me era custoso adormecer numa casa longe de estar ameaçada por qualquer ordem autárquica. Com o tempo viria a entender que assim funciona o sistema, o racismo e o privilégio branco. Como me diria meses mais tarde um senhor de idade avançada, enquanto procurava alguns pertences entre os escombros da sua casa, *garrafa ka ta djuga ku pedra??* - e assim era. O tempo passava e, casa a casa, o bairro a caindo. Matutinas, as máquinas avançavam. E, em menos de

² 'Entre vidro e pedra a disputa jamais será justa' (provérbio cabo-verdiano).

nada, a casa era memória e as pessoas não tinham quaisquer soluções habitacionais condignas já que, por esta altura, os únicos apoios oferecidos pela Câmara eram dois a três meses de apoio à renda ou algumas noites num albergue da Segurança Social e a possibilidade de guardar, temporariamente, os seus bens no armazém de materiais da Câmara.³ De facto, a disponibilização de um espaço, ainda que temporário, no armazém municipal era paradigmático de como o argumento - tantas vezes utilizado publicamente pela autarquia de que todos tinham para onde ir - não correspondia à realidade.

Naquele dia, cumprida a tragédia anunciada, uma onda de indignação levou as pessoas a permanecerem ali, uma a uma, em frente as escombros, depois de tudo estar partido. Recordo-me que foi neste momento que um dos moradores que tinha acabado de ficar sem casa foi *aleatoriamente* identificado e levado para a esquadra por alegadamente não ter papéis, leia-se autorização de residência. A história prolongou-se pela tarde, entre a esquadra e o tribunal, de onde acabou por sair ao final do dia. Neste instante, a *pertença nacional* passou, incontestavelmente, para o plano do visível, já que ser imigrante e negro parecia fator essencial para perceber a forma como se diferencia e redesenha o direito ao lugar, à cidade e à cidadania. E, de repente, esse foi o sentido que passei a querer analisar: como é que o imaginário racial opera e se operacionaliza quando se fala de direito à habitação, quando todos os discursos teimam em negar a sua existência e, no entanto, todas as imagens parecem indicar o seu contrário?

Como militante antirracista branca e não periferizada por um lado, e enquanto cientista social por outro, tento observar a realidade a partir da utilização de um conjunto de instrumentos metodológicos que me permitam percebê-la da forma mais intersubjetiva possível, consciente, simultaneamente, que as minhas perspetivas sobre a realidade são próprias e ideológicas e que se posicionam, por isso mesmo, em espaços específicos da história e da solidariedade. Por isso mesmo, neste livro tentei que os factos falassem por si, apresentados na ordem apropriada, para que quem lê possa entender. (...)

Uma vez que as cidades são, por excelência, repositório e síntese das geografias do capital, assim como metageografias nacionais, o espaço, ou melhor, a sua gestão - ou seja, a regulamentação das fronteiras externas e internas da nação - é instrumento privilegiado para a imposição de racionalidades estatais que se relacionam, em grande medida, com a produção e a divisão do trabalho.⁴ E, deste modo, se é verdade que a dispersão o apartamento territorial tem sido uma constante ao longo da história, expondo como a organização do espaço tem um papel fundamental no estabelecimento, perpetuação e materialização das relações de poder; se admitirmos que, tal como nos ensinou Cedric Robinson (1983), o capitalismo é racial, será importante analisar de que modo a raça - assim como a classe - tem servido para fixar categorias de continuidade, segmentação e desumanização por meio do traçado de uma linha de cor, da qual nos falava já W.E.B. Du Bois, em 1899.

³ Viríamos a saber mais tarde que muitas das coisas levadas para os armazéns da CMA, em sacos do lixo, desapareceriam ou seriam roídas pelos ratos.

⁴ Lefedvre, 1968.

Ademais, num contexto em que a análise do espaço a partir de uma perspectiva antirracista - que enfatize as implicações do colonialismo e da escravização racial a concepção da contemporaneidade - é omissa, tal afigura-se tarefa urgente. Considerando que o espaço é ainda, como nos disse Michel Foucault (1998) há mais de duas décadas, uma categoria de análise emergente no presente, é central perceber de que modo (e através de que dispositivos) a raça tem vindo a ser espacializada e como é que determinadas configurações espaciais têm contribuído para a naturalização institucional do racismo⁵ e do lugar sociopolítico dos sujeitos negros e Roma/ciganos na sociedade portuguesa. Este livro nasce de uma tentativa de mapear e estudar o papel do Estado moderno na redefinição e gestão do racial⁶ utilizando a raça como categoria política de governação, em particular através da análise do desenho e implementação da mais robusta política pública de habitação do Portugal democrático: o Programa Especial de Realojamento.

⁵ Goldberg, 1993a.

⁶ Goldberg, 2002.

exercício 4

novos cânones urbanos

Para o presente exercício individual foram distribuídas várias publicações recentes sobre abordagens contemporâneas à cidade, à urbanidade e à metrópole. Numa sessão por todos participada serão apresentados os objectivos de cada obra procurando inscrevê-las nos novos cânones que transformam o urbano, exigindo novos olhares e novas metodologias.

Títulos distribuídos:

ALVES, Ana Rita, 2021, *Quanto ninguém podia ficar: Racismo, habitação e território*. Lisboa, Tigre de Papel.

ETYANG, Johannes Hossfeld, e Joyce NYAIRO, e Florian SIEVERS, 2020, *Ten Cities: Clubbing in Nairobi, Cairo, Kyiv, Johannesburg, Berlin, Naples, Luanda, Lagos, Bristol, Lisbon 1960-March 2020*. Leipzig, Spector Books.

FEIREISS, Lukas, e Tatjana SCHNEIDE, Tatjana, 2021, *Living the city : of cities, people and stories*. Leipzig, Spector Books.

KERN, Leslie, 2020, *Feminist City: Claiming Sapce in a Man-made World*. Toronto, Verso Books.

Texto geral de apoio à sessão:

FORTUNA, Carlos, 2020, "Velhas cidades, novíssimas metrópoles: um outro cânone urbano", *Cidades e Urbanidades*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp.23-38.

Orientações e objectivos:

Com este exercício pretende-se criar um momento de discussão coletiva com o objectivo de identificar conceitos, práticas e discursos em torno de novos olhares sobre as cidades das primeiras décadas do século XXI.

Pretende-se ainda perceber as capacidades de reflexão, síntese, argumentação, investigação e organização de material a partir de fontes bibliográficas.

